



## A EDUCAÇÃO INFANTIL SOB O OLHAR DOS PROFISSIONAIS DE APOIO EM SIDROLÂNDIA/MS

Marina de Oliveira MACÁRIO (UEMS)<sup>1</sup>  
Eliane CERDAS (UEMS)<sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente trabalho teve como objetivo um aprofundamento teórico a respeito da Educação Infantil (EI), em que se procurou conhecer as concepções das assistentes de sala (profissionais de apoio) de um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) de Sidrolândia/MS a respeito do seu trabalho. Para isso, foi realizada uma entrevista semiestruturada cujos dados permitiram levantar um perfil das profissionais, assim como sua concepção a respeito da EI, da importância de seu trabalho e dos desafios enfrentados. Os resultados mostraram que as assistentes apresentam algumas convergências na forma de conceber o trabalho na EI, tais como, a importância da afetividade e da maternagem na escolha da profissão, a falta de formação específica para o trabalho com crianças pequenas, a dicotomização dos processos de cuidar e educar nas instituições de EI, a busca por melhor formação e condições de trabalho.

**Palavras-chave:** Trabalho Docente. Maternagem. Assistente de sala.

### Introdução

Também chamada de monitora, assistente, agente, pajem, recreadora, babá ou berçarista, auxiliar, entre outros a depender da nomenclatura utilizada pelo município, a profissional de apoio<sup>3</sup> deve auxiliar o professor nas diversas ações e atividades de cuidar e educar as crianças pequenas, visando promover seu desenvolvimento integral, nos aspectos físico, psicológico intelectual e social (OLIVEIRA, 2017).

Embora não seja contratada para as atividades de docente, é comum que a assistente de sala fique responsável pela turma sozinha ou em dupla com uma colega da mesma função, o que acontece, na maior parte dos casos, sem que ela tenha formação adequada para essa função.

<sup>1</sup> Graduanda do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. [ninaholiveira571@gmail.com](mailto:ninaholiveira571@gmail.com)

<sup>2</sup> Docente do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul. [elianecerdas@uems.br](mailto:elianecerdas@uems.br)

<sup>3</sup> Nesse trabalho utilizamos a nomenclatura Assistente de sala, pois é esse o termo utilizado pela prefeitura de Sidrolândia (MS), local onde a pesquisa foi realizada.



## VI SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE: INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA "Escola e Universidade em tempos de reconstrução"

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB (BRASIL, 1996) reconhece a Educação Infantil como primeira etapa da educação básica e determina formação em nível superior, curso de licenciatura plena, para a docência na educação básica e, no mínimo, o nível médio, na modalidade normal/magistério, para a educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental.

Sabe-se que a baixa qualificação das profissionais de apoio está ligada ao sucateamento da educação e a possibilidade de menores salários. Isso compromete o direito à educação da criança, já que mesmo as ações de cuidado, como o banho e a troca de fraldas, atividades geralmente relegadas às assistentes, devem ser efetuadas de forma articulada à proposta de aprendizagem. Tudo que se faz com as crianças nesse contexto coletivo de cuidado-educação contribui para o seu desenvolvimento.

Em um levantamento bibliográfico realizado por Vieira e Oliveira (2013), compreendendo o período entre 2002 e 2012, sobre o tema “trabalho na educação infantil”, verificou-se a desvalorização do trabalho docente na Educação Infantil de forma geral, porém, observou-se que a incidência dos processos de precarização e intensificação do trabalho docente é mais severa sobre as auxiliares, em que se destaca, em grande parte dos trabalhos levantados, a ausência de formação, a insuficiente regulamentação do cargo, a remuneração baixa, a sobrecarga de trabalho e as condições inadequadas de atuação.

A compreensão da especificidade da educação para crianças pequenas foi, portanto, um processo historicamente construído, se dando a partir de vários movimentos sociais que tiveram como centro a criança, o adolescente e a mulher, por parte de segmentos da sociedade civil organizada e dos educadores e pesquisadores da área, devido às grandes transformações sofridas pela sociedade em geral e pela família, em particular, especialmente com a entrada da mulher no mercado de trabalho (CERISARA, 1999).

Assim, em dezembro de 1996, é publicada a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira – LDB (BRASIL 1996). A versão final da lei incorporou as discussões da área que compreendeu que, ao trazer as instituições de educação infantil para a área da educação seria uma forma de avançar na busca de um trabalho de caráter educativo-pedagógico adequado às especificidades das crianças



## VI SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE: INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA "Escola e Universidade em tempos de reconstrução"

de 0 a 6 anos, além de possibilitar que seus profissionais viessem a ser professores com direito à formação inicial e continuada, além da valorização por meio de seleção, contratação, estatuto, piso salarial, benefícios, entre outros.

A lei também proclamava que até o ano de 2007 (uma década após sua promulgação), todos os profissionais atuantes em escolas de Educação Infantil deveriam ser considerados professores e, portanto, ter formação superior específica na área (podendo ser aceita a formação em nível médio, na modalidade normal).

Infelizmente, quase três décadas após a expiração desse prazo, ainda se verifica a presença de duas categorias distintas nas creches do Estado do Mato Grosso do Sul, exercendo as funções de professora e assistentes na sala junto às crianças.

Infelizmente, como mostram os trabalhos de Oliveira (2017) e Vieira e Oliveira (2013) a dicotomia entre o educar e o cuidar se manifesta na divisão de trabalho entre professoras e assistentes, e perpetua a questão da hierarquia de cargos e funções das profissionais da Educação Infantil, já apresentada por Cerizara (2002): quanto mais diretamente ligada às crianças, menor o prestígio do profissional; quanto menor o educando, menor o prestígio do profissional e quanto maior a proximidade com o corpo, ou seja, quanto mais imediatamente ligado à sobrevivência e, portanto, ao corpo do educando, menor o prestígio profissional.

Os aspectos acima levantados mostram que o trabalho na EI não é um processo simples, necessitando os educadores com formação adequada e permanente. Assim, lutar por uma melhor educação de nossas crianças, passa necessariamente pela luta por melhores condições de formação e de trabalho dos profissionais da EI. O debate realizado nos últimos anos a respeito da função educativa das instituições de EI, diferenciada da função escolar, possibilita, de acordo com Cerisara (2002) que as assistentes de sala, antes consideradas apenas como apoio aos serviços gerais, sejam vistas como educadoras de crianças. Assim, é preciso que sua função seja mais bem compreendida, como as dinâmicas das relações entre esses profissionais e as professoras propriamente ditas.

Nesse contexto, surgiu a seguinte questão de pesquisa: como as assistentes de sala da Educação Infantil de Sidrolândia percebem a importância do seu trabalho com as crianças?





## VI SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE: INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA "Escola e Universidade em tempos de reconstrução"

Para responder a essa questão, o objetivo dessa pesquisa foi investigar como as assistentes de sala um centro de Educação Infantil do município de Sidrolândia/MS concebem a importância do seu trabalho, e de forma mais específica, também buscou-se levantar as concepções das assistentes a respeito da Educação Infantil e investigar as potencialidades e/ou desafios relativos às condições de trabalho que estão expostas.

### Metodologia

A pesquisa segue uma abordagem qualitativa (BOGDAN e BIKLEN, 1994) com a finalidade de responder à questão de pesquisa de como as assistentes da Educação Infantil percebem a importância do seu trabalho com as crianças.

Os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas, gravadas em áudio (smartphone), com 4 assistentes de um CMEI na cidade de Sidrolândia – MS. A entrevista continha questões relativas à formação das profissionais, o que nos permitiu criar o seu perfil, e questões mais abertas cujo objetivo era que elas expressassem a sua concepção a respeito de suas funções, suas responsabilidades e anseios com relação à profissão. Para a realização da entrevista, foi concedida autorização das assistentes para uso dos dados, da secretaria de educação e da gestão do centro de educação infantil. Os dados foram tratados e analisados por meio da análise de conteúdo (Bradin, 2011).

Para preservar a identidade dos participantes da pesquisa, elas foram nomeadas por A, B, C e D.

### Perfil das assistentes participantes da pesquisa

As profissionais entrevistadas foram quatro assistentes da Educação Infantil, sendo duas do maternal 1 e duas do maternal 2. As questões iniciais da entrevista permitiram-nos caracterizar as entrevistadas conforme mostra o quadro 1.

Quadro 1. Perfil das assistentes participantes da pesquisa

Sujeito	Idade	Filhos	Estado civil	Formação	Tempo de trabalho na EI	Regime de trabalho
A	32	0	casada	Cursando pedagogia	12a	Efetivo



## VI SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE: INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA "Escola e Universidade em tempos de reconstrução"

B	39	2	casada	Ensino médio	12a	Efetivo
C	22	0	solteira	Ensino médio	3a	Efetivo
D	34	2	casada	Pós graduação (ludopedagogia)	11a	Efetivo

Fonte: elaborado pelas autoras

O conjunto de dados levantados por meio da entrevista permitiu-nos levantar algumas ideias a respeito da concepção das assistentes sobre a EI. Em primeiro lugar, fica evidente a importância dada por elas à afetividade e à maternagem<sup>4</sup> na escolha profissional dessas mulheres, como mostram os relatos abaixo:

*Assistente A: amo trabalhar com criança, sempre gostei! E vem de família, tenho três tias que são professoras, sempre fui baba, sempre cuidei de criança, então foi fácil entrar na educação infantil.*

*Assistente B: [...] É uma coisa que eu sempre gostei trabalhar com criança, antigamente eu fui baba, de várias crianças eu cuidei então é algo que eu sempre gostei de fazer, daí no segundo concurso eu tentei e fui aprovada.*

*Assistente C: fui convidada pela diretora do CMEI para no começo substituir algumas assistentes que pegavam atestado, aí comecei a pegar interesse, comecei a gostar e achar legal a sala de aula [...].*

*Assistente D: entrei na educação pelo número de vagas no concurso que escolhi de assistente de CMEI que era onde minha escolaridade se enquadrava, acabei escolhendo a graduação em pedagogia porque me apaixonei pela educação infantil.*

O grupo pesquisado compõe-se de mulheres, embora inicialmente não tenha sido objetivo da pesquisa fazer uma discussão a respeito de gênero<sup>5</sup>, é importante destacar que a predominância de mulheres no magistério é uma realidade comum, principalmente, quando se trata da EI e primeiros anos do ensino fundamental. Essa situação é, para Cerisara (2002), resultado dos eixos fundamentais da socialização feminina que são a maternagem e o trabalho doméstico, uma vez que em nossa sociedade tanto na esfera da família quanto na esfera pública, a responsabilidade pela educação e o cuidado das crianças pequenas é das mulheres. As respostas indicam, mesmo que de forma superficial que há a naturalização dessa condição no senso comum dessas profissionais.

<sup>4</sup> Maternagem é o exercício do vínculo necessário para atender às necessidades físicas e psíquicas para que o bebê ou a criança tenham um desenvolvimento emocional saudável. É a criação de uma relação de acolhimento e segurança pelo responsável (pais, babás, educadores etc.) (CERISARA, 2002)

<sup>5</sup> Nesse trabalho entendido como constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos e como modo de dar significado as relações de poder (CERISARA, 2002, p.22)



## VI SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE: INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA "Escola e Universidade em tempos de reconstrução"

A predominância das mulheres no exercício da docência na EI é indicada, pela autora, como um dos fatores determinantes para a desvalorização profissional, já que as mulheres em uma sociedade patriarcal devem receber menos pelo trabalho realizado em comparação com os homens.

Todas as assistentes entrevistadas afirmaram que já gostavam de cuidar de crianças antes de entrar na profissão, porém, sua forma de olhar a EI foi sendo alterada após a sua inserção no trabalho, de forma que duas delas (A e D) buscaram a formação em Pedagogia, após já estarem trabalhando no CMEI. Por outro lado, B e C manifestaram o desejo de se formarem em Pedagogia, ou seja, não há, por parte dessas assistentes, o desejo de deixar a profissão, embora queiram ascender profissionalmente como professoras a fim de terem melhores salários.

Esses dados indicam que as assistentes reconhecem a importância da formação adequada para o trabalho com crianças pequenas, e buscam aperfeiçoamento. Esse reconhecimento é confirmado quando elas apontam a falta de formação como um dos condicionantes da sua prática conforme segue:

*Assistente A: o principal desafio é que algumas não cursam pedagogia, então não possuem aquela visão com as crianças especiais, é um pouco dificultoso, já que todas as salas têm pelo menos duas crianças especiais e lidar com isso é muito difícil, seria interessante ter pelo menos um curso pra ensinar a lidar com essas crianças, uma palestra porque até os professores regentes estão com essas dificuldades.*

*Assistente C: querendo ou não tem que ter um pouco de estudo, deveria ter uns cursos, primeiros socorros, psicanálise, querendo ou não, o professor estuda isso né, e a gente não, e ficamos o dia inteiro com as crianças, as que mais convive com eles e não temos isso, somente a experiência com o tempo.*

De forma contraditória, ao mesmo tempo que há a ideia de formação, enquanto meio de construir saberes e competências que vão auxiliá-las em sua prática pedagógica, os discursos das assistentes estão impregnados de ideias de senso comum em que a competência profissional aparece como “dom” ou vocação e outras habilidades que não estão diretamente ligadas aos processos formativos quando questionadas sobre as habilidades essenciais para ser uma boa assistente.

De forma contraditória, ao mesmo tempo que há a ideia de formação, enquanto meio de construir saberes e competências que vão auxiliá-las em sua prática pedagógica, os discursos das assistentes estão impregnados de ideias de



## VI SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE: INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA "Escola e Universidade em tempos de reconstrução"

senso comum em que a competência profissional aparece como “dom” ou vocação e outras habilidades que não estão diretamente ligadas aos processos formativos quando questionadas sobre as habilidades essenciais para ser uma boa assistente.

*Assistente B: Amor e gostar de cuidar de criança, muitas vezes a pessoa até ama, mas não tem aquele dom. Atenção e carinho.*

*Assistente C: Gostar do que faz primeiramente, tem que pegar gosto pelo que você faz, ter muita paciência, ser bem profissional, a gente tem que entender que não são nossos filhos, que a gente só está aqui por causa deles, temos que ser gratas por ter crianças pra gente cuidar e manter nossa profissão. A gente tem que gostar do que faz, ter carinho pelas crianças e ser bastante empáticos porque cada criança tem uma situação, independentemente de ser financeira, como é a base familiar, temos que entender bastante eles, por isso tem que gostar, a paciência vem com tempo porque cada criança tem uma personalidade diferente.*

*Assistente D: Aí eu entro com a paciência de novo, ter paciência e saber lidar porque você fica o dia todo na sala, você tem que saber lidar porque trabalhar com crianças é desafiador, sempre buscando a melhor forma de trabalhar.*

Mais uma vez, é preciso retomar a influência do gênero na constituição da identidade dos profissionais da Educação Infantil, em especial das assistentes, cuja identidade é construída socialmente dentro de uma ocupação socialmente desvalorizada.

O trabalho na educação infantil situa-se, de acordo com Cerisara (2002),

Num universo feminino desvalorizado em relação ou que se convencionou chamar de universo masculino, cujo modelo de trabalho é tido como racional ou técnico e no qual predominam relações de impessoalidade nos espaços públicos (CERISARA, 2002, p. 102)

É evidente que para a assistente sem formação específica, ou seja, sem as bases racionais da formação, a desvalorização é maior, pois guarda a ideia de que as habilidades femininas (cuidado, amor, paciência, maternagem) são suficientes para o exercício do trabalho. Para a autora, quanto mais diretamente ligada às crianças, quanto menor o educando, e quanto mais imediatamente ligado à sobrevivência e, portanto, ao corpo do educando, menor o prestígio profissional.

Com relação à importância da Educação Infantil para as crianças, as assistentes responderam de forma vaga, mostrando que essa não é uma reflexão que elas façam em seu cotidiano.



## VI SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE: INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA "Escola e Universidade em tempos de reconstrução"

*Assistente B: olha de suma importância, porque é desde o princípio, as fases das crianças, iniciais, é bom ter esse acompanhamento, os professores toda a rede de educação, porque faz parte do aprendizado deles, desde bebezinho é muito importante.*

Essa dificuldade de construir argumentos sobre a importância da educação infantil revela a falta de um aprofundamento teórico de questões basilares e norteadoras do trabalho nas creches, como os objetivos pedagógicos da educação infantil. Assim, acabam caindo na ideia de senso comum que considera essa uma etapa que prepara as crianças para o ensino fundamental e, portanto, concebem educação infantil com objetivo escolarizante, como se verifica na fala abaixo:

*Assistente A: aqui, é aquela base de tudo, onde a criança ela vai ser preparada para as próximas etapas da educação, então é muito importante, tem gente que fala assim: ai o trabalho de professor de creche não tem nada a ver. Pra mim tem tudo haver porque é aqui onde a criança aprende tudo, você acha que eles não aprende nada, mas eles são muito espertos, tem umas que já sai daqui conhecendo a primeira letra do nome, cores, formas, então é muito, muito importante mesmo.*

Quando questionadas a respeito das especificidades de seu trabalho, percebe-se a hierarquização das funções realizadas pela professora regente e pelas assistentes. Embora elas digam que participam de todos os processos, deixam claro que o planejamento das ações educativas é de responsabilidade do professor e que participam dessas atividades apenas como executoras ou, ainda, a depender do professor, não participam.

*Assistente A: as nossas professoras sempre deixam a gente a par de tudo, porque cada turma são 6 professores divididos em 6 períodos, então no início da aula eles já explicam o que vão fazer, já pede a nossa ajuda, já pede a nossa opinião, faz a gente participar também dessa parte pedagógica.*

*Assistente C: então, o professor ele já vem geralmente com o planejamento pronto. Eles explicam pra gente como que eles fazem, tem professor que gosta que a gente auxilie nas atividades, tem professor que prefere que a gente só fique passando brincadeiras, varia bastante, alguns deixam a gente participar bastante, alguns não.*

Nessas falas, é importante ressaltar que ainda há uma dicotomização das atividades de educar e cuidar, pois, as assistentes se referem às cantigas de música, brincadeiras e mesmo atividades com o corpo como atividades sem intenção pedagógica, e que, portanto, ficam ao seu encargo, ao passo que os professores, detentores do conhecimento profissional realizam atividades mais escolarizantes. A descrição de uma rotina relatada pela assistente B confirma essa inferência:



## VI SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE: INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA "Escola e Universidade em tempos de reconstrução"

*Assistente B: Eu chego as 07:00, tomo meu café e já vou para a sala e já começo os primeiros atendimentos porque já tem criança, que quer água, coloco eles sentadinhos para a prof. fazer a acolhida, se tiver de casaco já vou tirando e colocando nas mochilas, ajudo elas nos lanches, retornamos e preparamos a sala e as mesas pra prof. regente dar a atividade, ajudar a pendurar no varalzinho de atividades, ajuda no banho e na troca de roupas, no caso, a regente tem o banho pedagógico nas sextas, então só auxílio na troca de roupas, depois ajudo novamente no almoço, cuidados para eles não se machucarem, aquelas que estão no desfraldes levamos no banheiro, depois vamos para a parte do soninho. Durante a tarde é praticamente o mesmo roteiro, mas não temos o banho obrigatório igual na parte da manhã, só em casos de acidentes como vomito. Como não tem mesa pra todos a gente revessa também para brincar com eles.*

No caso das assitentes de sala percebem que desenvolveram habilidades, saberes e práticas que possibilitam o exercício de sua função sem que tenham formalizado suas competências.

Há, portanto, uma invisibilidade de saberes e práticas que acabam por colaborar com a ideia ainda vigente no senso comum de que por serem saberes e práticas naturais da mulher são caracterizados como complementares, de ajuda ou acessórios, o que contribui para a sua desvalorização (CERISARA, 2002).

Junte-se a isso, a já citada falta de reflexão teórica (o que só é possível dentro de um espaço de adequada formação e de valorização profissional) da função social da EI, o não reconhecimento da importância dos saberes experienciais (TARDIF, 2002) que também são produzidos por esses profissionais já que eles, em muitos casos, como aponta a literatura consultada, tem maior convivência com as crianças durante o período em que estas estão na instituição.

Fica clara nos depoimentos a definição de atribuições que delega à professora, a responsabilidade do trabalho a ser realizado junto as crianças e que coloca a assistente em posição de subordinação a esta. É a formação específica que garante às professoras a legitimidade no controle do trabalho realizado junto as crianças. Da mesma forma, a falta de formação, justifica as assistentes ficarem sob sua orientação.

Convergindo a esses dados, as assistentes apontam como um dos desafios de sua profissão, a superação de relações tensas com algumas professoras regentes, como apontaremos mais adiante. Dentre os desafios apontados pelas assistentes para a realização de seu trabalho, se destacam:

- Carga horária excessiva de trabalho



## VI SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE: INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA "Escola e Universidade em tempos de reconstrução"

*Assistente A: apesar de saber que o concurso é de 40h, a carga horária é pesada mesmo sabendo que é essa, o cansaço.*

- Relações tensas com algumas famílias

*Assistente C: cada criança vem de uma base familiar diferente, infelizmente umas são mais complicadas e temos que lidar com todo tipo, tem criança que bate, xinga, pai que não sabe lidar quando a gente vai fazer alguma queixa sobre a criança, tem pais que são muitos complicados, mas temos que lidar com eles. Tem gente que não gosta de limpar, as vezes a criança pode fazer xixi na gente, ficar doente por isso temos que gostar do que fazemos.*

- Falta de formação continuada

*Assistente C: Deveria ter uns cursos, primeiros socorros, psicanálise, querendo ou não o professor estuda isso né, e a gente não e ficamos o dia inteiro com as crianças, as que mais convive com eles e não temos isso, somente a experiência com o tempo.*

- Falta de formação que possibilite maior acompanhamento das crianças com necessidades especiais

*Assistente A: o principal desafio é que algumas não cursam pedagogia, então não possuem aquela visão com as crianças especiais, é um pouco dificultoso, já que todas as salas têm pelo menos duas crianças especiais e lidar com isso é muito difícil, seria interessante ter pelo menos um curso pra ensinar a lidar com essas crianças, uma palestra porque até os professores regentes estão com essas dificuldades.*

- Relações desarmoniosas com algumas professoras

*Assistente B: parceira de andar junto, tipo andar junto ao professor é certo que eles têm a parte pedagógica, mas a gente tem que estar ali acompanhando eles. Um auxiliando o outro.*

Esses desafios também apareceram na pesquisa de Siller e Côco (2008) com trabalhadores da EI no estado do Espírito Santo, que aponta que, em comparação com a categoria de “professor”, os profissionais de apoio tem a carga horária de trabalho maior, a remuneração menor e o não enquadramento na carreira do magistério público, mesmo quando tem formação requerida.

Martins (2011), em um estudo que trata dos profissionais de apoio em turmas de educação infantil e de ensino fundamental das redes públicas municipais da Regional Grande Florianópolis, que possuem crianças da educação especial, foram definidos como tópicos de referência: a presença desse profissional, as suas atribuições previstas e realizadas e as suas condições de trabalho. O principal problema verificado é o fato de esse cargo ser desvalorizado, apesar de ser um dos pilares da política de inclusão que vem sendo desenvolvida no local. Destacou, na situação estudada, a ausência de formação, a insuficiente regulamentação do cargo,



## VI SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE: INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA "Escola e Universidade em tempos de reconstrução"

a remuneração baixa, a sobrecarga de trabalho e as condições inadequadas de atuação.

Aranda (2007) trata também da questão do mal-estar docente entre as/os professoras/es das redes municipal, estadual e particular de Porto Alegre – Rio Grande do Sul. A definição de mal-estar docente é a dificuldade de lidar com as problemáticas que estão presentes na unidade educacional e se manifesta em angústia, desconforto e sentimento de impotência. Através da análise das percepções expressas pelos sujeitos de pesquisa, os principais fatores de mal-estar estão nas relações com as crianças, com a comunidade escolar, com as/os colegas de trabalho e com a equipe diretiva. Podem-se destacar também as dificuldades em lidar com as crianças, sujeitos da política de inclusão.

Apesar da percepção de desvalorização e dos desafios que elas reconhecem em suas práticas, as assistentes encontram motivos de satisfação, uma vez que estão investindo em sua formação e pretendem, continuar a atuar em educação infantil ou em outras áreas educacionais.

### Considerações finais

Nesse trabalho, optamos por estudar de forma específica os profissionais de apoio (em Sidrolândia chamados de assistentes), por entender que embora sejam extremamente importantes para a rotina da EI, são profissionais negligenciados das políticas de formação inicial e continuada, já que, assim, garantem o funcionamento (frisa-se, não ideal) das instituições com menor custo para os municípios.

A predominância das mulheres no exercício da docência na educação infantil é indicada como um dos fatores determinantes para a desvalorização e a naturalização do trabalho na área, bem como para associar maternagem e docência. Especificamente em relação ao quadro das profissionais das creches, em que existem duas profissionais distintas que atuam junto às crianças, verifica-se a dicotomização entre o educar e o cuidar, já superados pelas legislações vigentes, porém, ainda presentes em nossas creches.

O trabalho das assistentes da EI tem muitas determinações, que para serem considerados em suas dinâmicas, exige maior aprofundamento teórico e um outro delineamento metodológico que leve em conta fontes documentais e a percepção



## VI SEMINÁRIO FORMAÇÃO DOCENTE: INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA "Escola e Universidade em tempos de reconstrução"

dos demais sujeitos sociais implicados na questão, como os professores, os pais, os coordenadores e os diretores.

### Referências

ARANDA, Silvana Maria. Um olhar implicado sobre o mal-estar docente. 2007. 149f. **Tese** (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011, 229 p

BOGDAN, Roberto C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação**. Tradução Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Porto: Porto Editora, 1994.

BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional**. Diário Oficial [da] União, Brasília, DF, 23 dez. 1996

CERISARA, Ana Beatriz, **Professoras de Educação Infantil entre o feminino e o profissional** – São Paulo: Cortez, 2002 (coleção Questões de Nossa Época).

MARTINS, Silvia Maria. O profissional de apoio na rede regular de ensino: a precarização do trabalho com os alunos da educação especial. 2011. 168f. **Dissertação**. (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

OLIVEIRA, Zilma De Moraes Ramos de. **Educação Infantil: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2013

ROCHA, Eloisa Acires Candal. **A pesquisa em educação infantil no Brasil: trajetória recente e perspectiva de consolidação de uma pedagogia da educação infantil**. Florianópolis, UFSC, Centro de Ciências da Educação, 1999.

SILLER, Rosali Rauta; CÔCO, Valdete. O ingresso de profissionais na educação infantil: o que indicam os editais dos concursos públicos. In: **REUNIÃO ANUAL DA ANPEd**, 31., Caxambu, 2008. Anais... Caxambu: ANPEd, 2008.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional** Petrópolis: Vozes, 2002.

VIEIRA, Livia Fraga; OLIVEIRA, Tiago Grama. As condições do trabalho docente na educação infantil no Brasil: alguns resultados de pesquisa (2002-2012). **Revista Educação em Questão** [online]. 2013, 46(32), 131-154

